

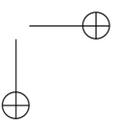
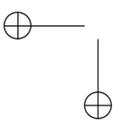
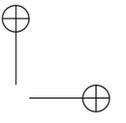
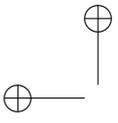
Ecos do silêncio



Margarida Amaral

2019

www.lusosofia.net





LUSOSofia:press

Covilhã, 2019

FICHA TÉCNICA

Título: *Ecos do silêncio*

Autor: Margarida Amaral

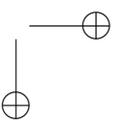
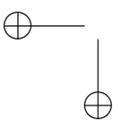
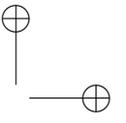
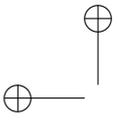
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

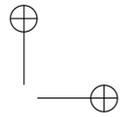
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: Filomena S. Matos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2019





Ecos do silêncio

Margarida Amaral*

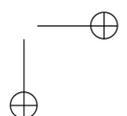
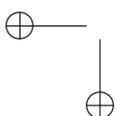
Índice

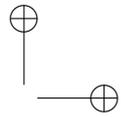
1. O silêncio e o outro	4
2. O silêncio nas artes	7
3. O silêncio da solidão do pensamento	10
Conclusão	12

Estas palavras são ironicamente acerca do silêncio, mais concretamente sobre os “ecos do silêncio” ou, de forma mais clara, sobre a importância, mas também a ausência, do silêncio no mundo contemporâneo.

São inúmeras, e em diversos domínios, as referências de grandes pensadores à importância do silêncio, que nos levam a questionar o nosso mundo ruidoso. Nestas referências, o silêncio não significa emudecer. Ele tem sentidos que nele se escondem e que também por ele se revelam.

*Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Ciências Humanas / Centro de Filosofia, Universidade de Lisboa.





1. O silêncio e o outro

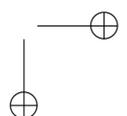
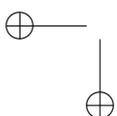
Começamos pelo silêncio fundamental na relação com o outro. Esta relação faz-se de conversas que encerram em si palavras, mas também de silêncios essenciais à sua compreensão. A este respeito, David Le Breton afirma que “A palavra que se troca alimenta-se de pausas, de suspensões que penetram naquilo que se quer dizer e que se torna inteligível para quem escuta”.¹ A conversa com o outro simplesmente não seria compreensível sem estas pausas que alimentam o sentido das palavras e que permitem não apenas a respiração de quem se encontra na sua posse, mas ainda a partilha com o outro do que sente e do que pensa aquele que fala. Contudo, o silêncio presente na relação com o outro não se constitui apenas como essencial à inteligibilidade do discurso. Ele pode assumir-se ainda como fundamental para a própria compreensão daquele que assume um estado de silêncio.

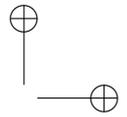
Na Antiguidade existem duas referências que nos revelam esta importância no que diz respeito à compreensão da dor do outro. Petrarca afirma “Quem pode dizer como arde, só arde em lume brando” e, na mesma linha, Séneca declara “As dores leves falam, as grandes calam-se”.² Este calar tem um enorme significado: ele quer dizer a máxima dor e remete-nos para o silêncio necessário à compreensão do próprio silêncio do outro. Se só conseguimos dizer as dores mais superficiais, é preciso que saibamos compreender as dores grandes através do silêncio daquele que não as diz. De outro modo, como poderemos compreendê-las?

Mas o outro pode também ser entendido como colectivo, dizendo respeito, nomeadamente, aos outros povos. A este nível, diz-nos o professor Tolentino de Mendonça:

¹ David Le Breton, *Do silêncio*, Lisboa, Instituto Piaget, 1999, p. 19.

² João Barrento, *A espiral vertiginosa – ensaios sobre a cultura contemporânea*, Lisboa, Cotovia, 2001, p. 71.





“As nossas sociedades investem tanto na construção de competências na ordem da palavra (...) e tão pouco nas competências que operam com o silêncio! Somos analfabetos do silêncio e esse é um dos motivos por que não encontramos paz”.³

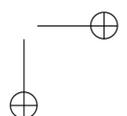
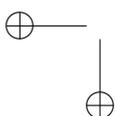
Esta afirmação pode revelar-nos que não encontramos paz quando não estamos dispostos a ouvir os nossos próprios silêncios, quando não queremos ouvir os silêncios do outro e, sobretudo, quando não nos encontramos disponíveis para ouvir os outros povos e atender a estilos de vida distintos dos nossos, tanto em termos dos seus ideais como das suas práticas. Mas é importante sublinhar que o respeito por estes silêncios significa, ou pelo menos pode valer, a paz.

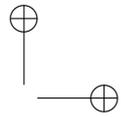
Considerando estas referências, perguntemos: para lá de toda a “tagarelice” instalada – que, segundo Heidegger, é tão inerente ao ser do homem, quanto representa a “falta de solidez” de uma vida imprópria – que respeito há hoje pela conversa autêntica e directa com o outro, pela verdadeira escuta ou pelo silêncio da dor do outro, e ainda pelo silêncio que nos tornaria “alfabetizados” em termos da relação com os outros povos?⁴

Relativamente à primeira destas dimensões, vivemos num mundo de tal forma acelerado que não há sequer tempo para dialogar. As múltiplas obrigações diárias e o ideal de cumprimento de objectivos conduzem-nos à vivência de dias encurtados e amputados relativamente ao que é essencial. É difícil acompanhar o ritmo das nossas funções e ter tempo para a conversa autêntica e directa com o outro, intercalando palavras e silêncios. Por isso, torna-se mais fácil escrever brevemente o que tem de ser dito, de preferência numa mensagem que, copiando o antigo modelo do telegrama, diga aquilo que nos parece ser o fundamental. Tudo se passa como

³ José Tolentino de Mendonça, *O pequeno caminho das grandes perguntas*, Lisboa, Quetzal Editores, 2017, p. 95.

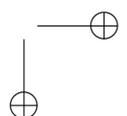
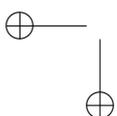
⁴ Martin Heidegger, *Ser e Tempo*, Petrópolis, Vozes, 1995, I, p. 228.

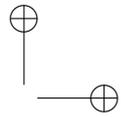




se cada palavra valesse ouro, quando na verdade é o tempo que poupamos nas palavras que parece ter um valor inestimável. Nós comunicamos brevemente e... o outro que decifre!

Quanto à verdadeira escuta do outro, tanto das suas palavras como dos seus silêncios, facilmente verificamos que isso não é compatível com a instantaneidade em que transformámos o mundo contemporâneo. Tudo tem de ser rapidamente produzido e consumido, de tal modo que as relações interpessoais se esgotam igualmente neste modelo voraz. Essa escuta do outro, do seu pensar e do seu sentir, custa-nos tempo. E no que se refere à escuta do silêncio do outro, representativo das suas máximas dores, que possibilidade temos, na correria dos dias e no nosso mundo instantâneo, de sequer reparar que o outro está em silêncio? Reparar é voltar a parar e não há tempo para tais paragens... De modo que, em vez de nos dedicarmos aos outros que nos são próximos, substituímo-los muitas vezes por aqueles que estão do outro lado do mundo através das múltiplas formas que temos hoje de aceder à sua imagem. Com tais recursos, ficamos com a sensação de que não somos completamente insensíveis. Afinal, o silêncio da dor do outro não nos é totalmente indiferente. Assim, assistimos e, se tempo houver, até partilhamos imagens reveladoras do sofrimento de tantos seres humanos, que a comunicação social nos oferece. O problema é que estas imagens surgem no contexto de uma comunicação social extremamente sensacionalista e ruidosa, que nos atafulha com notícias trágicas repetidas até à exaustão. O silêncio dos outros torna-se, assim, de tal forma exposto, que se banaliza e, deste modo, é rapidamente esquecido. Talvez guardemos uma cena ou outra, como a de um menino em cima de um prédio com vista para uma cidade totalmente cinzenta e destruída. Ele está em silêncio... Mas em que cidade aconteceu esta tragédia? E o que é feito desta pessoa? Não sabemos, até porque o instantâneo nos convoca para outras imagens igualmente desoladoras, que assustadoramente se sucedem.



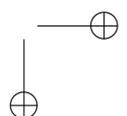
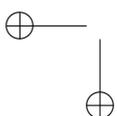


Finalmente, no que diz respeito ao silêncio que nos alfabetiza, concedendo-nos o acesso à compreensão de nós mesmos e dos outros povos, o mesmo destino o persegue... Num contexto em que o valor da segurança e do bem-estar individual e familiar se sobrepõe ao da compaixão, torna-se improvável deixarmos de olhar os outros povos, que entretanto são obrigados a visitar-nos, como ameaças à tranquilidade da nossa morada. Daí tantas palavras de ódio e tanta repressão dirigidas àqueles que têm de fugir dos seus países de origem e passar por todo o desconforto que isso representa. Daí também, por exemplo, a associação livre que o senso comum faz entre um refugiado e um terrorista. Assim, somos os novos analfabetos porque, conhecedores de tantas palavras e ideias feitas, esquecemos a importância de também nós nos calarmos diante da dor, dispostos a ouvir os outros povos e, quem sabe – imagine-se! – até aprender com eles...

2. O silêncio nas artes

Continuemos a nossa viagem sobre a importância do silêncio, agora através da arte. Segundo creio, todas as formas de arte que contêm palavra ou som convocam, elas próprias, o silêncio. Pensemos na música. Não me refiro à experiência extrema do silêncio na música de John Cage – os seus famosos 4'33", que muitos ainda consideram música, porque também o silêncio quase total o consegue ser. Nem sequer me refiro ao silêncio na música de um compositor particular, por exemplo, de Mozart, que Sacha Guitry elogiou ao afirmar: “O que existe de maravilhoso na música de Mozart é o facto de o silêncio que se segue ser ainda de Mozart.”⁵ Pensemos apenas, genericamente, na música que envolve a provocação de um som através das notas musicais saídas de um instrumento. Não serão as pausas entre as notas ainda música? Mais ainda: não serão

⁵ Marc de Smedt, *Elogio do silêncio*, Cascais, Sinais de Fogo, 2001, p. 69.



esses mesmos silêncios que potenciam as harmonias entre os sons, bem como a expressão das emoções?

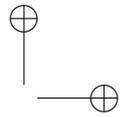
Relativamente às artes em que, além dos sons, a palavra oral assume um elevado estatuto, como o teatro ou o cinema, perguntemos: que mensagem poderia ser passada ao espectador se o actor não recorresse ao silêncio? Um texto bem decorado, mas apenas debitado, não resultaria numa peça de teatro ou num filme. Tanto o actor como o espectador têm de ter os seus tempos de silêncio intercalados com os da palavra: o primeiro para sentir o que diz, o segundo para entender e vivenciar a autenticidade do que é dito. Relativamente a este aspecto, diz-nos Arnaud Rykner:

“Roubar a palavra às personagens, privá-las da protecção do *logos*, não é (...) lançá-las para as trevas da pantomima ou da simples «utilidade» dramática, é, pelo contrário, oferecer-lhes os meios para reencontrar uma qualquer autenticidade (...).”⁶

O silêncio dá-se aqui como uma espécie de mediação entre o actor e o espectador, em nome da compreensão da palavra, mas sobretudo da intuição de uma verdade que no palco se representa.

Uma outra forma de arte que recorre à palavra, neste caso a escrita, revela-nos igualmente esta importância do silêncio. Refiro-me, desta vez, à literatura. Do ponto de vista do autor, o que seria a literatura sem o silêncio preservado no implícito, no não dito? Uma narrativa ou um poema deixariam simplesmente de o ser se toda a mensagem estivesse contida na palavra, isto é, se não existisse qualquer confiança na imaginação do espectador. Além disso, do ponto de vista deste último, o silêncio, consumado na retirada do mundo quotidiano das ocupações, é essencial para compreender qualquer obra de arte. Estes silêncios das diversas formas de arte

⁶ Arnaud Rykner, *O reverso do teatro. A dramaturgia do silêncio da idade clássica a Maeterlinck*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 22.



também não são mudos: eles permitem a comunicação da mensagem, bem como a compreensão da mesma.

Questionemos agora se estes silêncios são permitidos ou, pelo menos, incentivados no mundo contemporâneo. A respeito da música, Steiner, salvaguardando-se na sua idade, distingue por um lado, o *jazz* e, por outro, o *heavy metal* e o *rap*, afirmando:

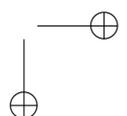
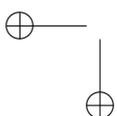
“Mas o *jazz* é, sem dúvida, profundamente humano, e clássico, no seu volume. O «*Heavy Metal*» e o *rap* são ondas sonoras feitas para produzirem um ensurdecimento total. Para ensurdecer o que há de humano na audição”⁷

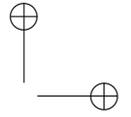
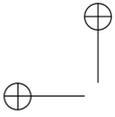
De que silêncio são capazes as gerações mais novas, expostas a estes ruídos máximos?

No que diz respeito ao teatro, arriscaria a dizer que se trata da forma de arte que se assume na vanguarda da defesa do silêncio. É verdade que já existem superproduções que, procurando imitar o ruído do cinema de Hollywood, oferecem ao espectador elevados sons e múltiplos enfeites que parecem ter a pretensão de o compensar pela sua subjugação aos poucos mas necessários silêncios da duração de uma peça. Contudo, ao contrário da maior indústria de cinema até hoje conhecida, o teatro preserva ainda o contacto directo com o espectador, a experiência viva da própria escuta das respirações silenciosas, tanto dos espectadores relativamente aos actores, como destes em relação àqueles.

Quanto à leitura, poderemos verdadeiramente chamar leitores àqueles que são incapazes de aguentar a dimensão de um livro, o incómodo silêncio que interrompe os múltiplos estímulos? Num mundo em que a atenção se dispersa por tantas luminosidades, tantas jogatinas de vitória instantânea, tantos meios de comunicação em que a imediatez impera e seduz, torna-se difícil resistir... De forma que, nas sociedades contemporâneas, quando o silêncio se

⁷ George Steiner, *Barbárie da Ignorância*, Lisboa, Fim de Século, 2004, pp. 50-51.





dá é apenas porque algo deixou de funcionar. A este respeito, David Le Breton afirma, criticando a modernidade:

“O único silêncio que a utopia da comunicação conhece é o silêncio da avaria, da falha da máquina, da paragem da transmissão. É mais um cessar da tecnicidade do que o aparecimento de uma interioridade.”⁸

Quando a tecnicidade cessa, os “passatempos” que consomem o tempo dão lugar ao “incómodo” tempo que passa, mas que não se consome de forma tão voraz. A vivência deste tempo é permitida pelo silêncio exigido na leitura de um livro. No acto de ler, ali estamos nós diante da história, diante do autor, prontos a escutar as suas palavras e a descobrir dentro de nós o significado dos seus silêncios. Os momentos da leitura podem efectivamente constituir-se como o encontro com a nossa interioridade.

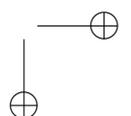
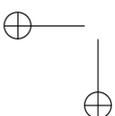
Talvez a recusa do silêncio no mundo contemporâneo consista mesmo numa descarada tentativa do nosso inconsciente para evitar o encontro com a autenticidade descoberta na interioridade profunda do ser. Este encontro dá-se apenas quando pensamos, em solidão.

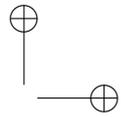
3. O silêncio da solidão do pensamento

O silêncio do pensamento cultiva, segundo creio, todos os outros silêncios. Tal como nas outras referências, este silêncio não significa emudecer. Escutemos a este respeito Sócrates que, no diálogo *Górgias*, claramente evidencia o sentido de o pensar ser silêncio, sim, mas ser uma conversa silenciosa do eu consigo próprio:

“Seria melhor para mim que a minha lira ou um coro que eu dirigisse estivesse desafinado e cheio de desarmonia, e que multidões de homens discordassem de mim do que eu,

⁸ David Le Breton, *Do silêncio*, Lisboa, Instituto Piaget, 1999, p. 1.





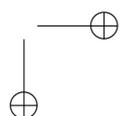
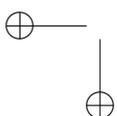
sendo um, estivesse em desarmonia comigo próprio e me contradissesse.”⁹

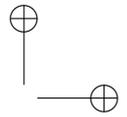
Nesta passagem, Sócrates revela que a discórdia dos outros não o incomoda tanto como aquela que pode encontrar em si mesmo. Mas como pode o eu discordar de si mesmo? Sendo o eu um “um”, que tipo de discórdia ou desarmonia pode surgir? Não será que a discórdia exige pelo menos um “dois”? A pertinência destas questões solicita-nos que não compreendamos aquele “sendo um” num sentido estrito. Nós somos um “um” que pode estar em desarmonia consigo mesmo e é por isso que somos, na verdade, um “dois” na unicidade com que nos apresentamos a nós e ao mundo.

Todos nós conseguimos intuir a presença de uma duplicidade neste “um” que somos, sobretudo no que diz respeito à ética. Quantas vezes já nos arrependemos do que fizemos? Se fôssemos apenas “um”, não seria suposto existir esta “dobra” que se dá, por exemplo, no arrependimento. Em tal situação, somos realmente um eu que faz e um eu que se arrepende porque pensou no que fez. De modo projectivo podemos igualmente dizê-lo: somos um eu que pensa sobre o que vai fazer e, nessas circunstâncias, intuindo a presença de um eu que presenciará tal acto, evitamos fazer algo de que nos possamos vir a arrepender. Assim, esta duplicidade existe entre um eu que faz e um eu que pensa, estabelecendo um diálogo consigo próprio. Este diálogo pode representar um encontro tranquilo ou então uma terrível discussão, já que se o eu que pensa não estiver de acordo com o eu que faz, teremos de enfrentar o pior inimigo que podemos supor – nós próprios. Ao afirmar que é preferível que “multidões de homens discordem de mim”, Sócrates indica-nos que, em tal situação, podemos ausentar-nos de tal companhia, o que, por contraponto, nunca nos será permitido relativamente a nós mesmos.

Podemos considerar a importância deste diálogo silencioso do pensar num sentido mais alargado, isto é, como não estando apenas

⁹ Platão, *Górgias*, 482 c.





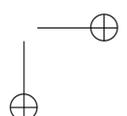
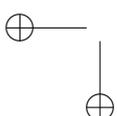
restringido à ética. A coerência, bem como a ponderação daquilo que pensamos e comunicamos, depende deste diálogo interior que o próprio exercício do pensar convoca.

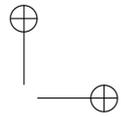
Ora, no mundo contemporâneo a ênfase é colocada não no pensar, mas na transformação. É preciso mudar! É certo que as mudanças são necessárias, mas elas não existem, pelo menos de forma consequente e, perdoe-se o simplismo do adjetivo, as mudanças não existem num *bom* sentido, sem pensamento. No domínio da política o apogeu da mudança é por demais evidente, sobretudo no quadro legislativo que diz respeito à educação, à saúde, ao ambiente, entre tantos outros casos. Na educação, por exemplo, sucedem-se as mudanças de programas sem sequer haver tempo para avaliar a mudança anterior.

Parece-me razoável afirmar que mudar o mundo não é sequer desejável sem que o passo prévio do pensamento seja dado. E o pensar, como vimos, convoca o silêncio. Quem pode negar a importância deste diálogo silencioso? Que mudanças queremos a não ser aquelas que resultam de um diálogo em que evitamos a contradição conosco, aquelas em que o silêncio dialogante do pensar nos permite estarmos de acordo conosco próprios?

Conclusão

É inegável que a contemporaneidade contraria o silêncio em múltiplas frentes: as relações interpessoais são aceleradas; vivemos num contexto de extra comunicação, num mundo ruidoso. Pouco se cultiva a arte de escutar os outros, tanto nas suas palavras como nos seus silêncios. Além disso, o silêncio que é essencial à manifestação das artes, bem como à sua compreensão, também é hoje questionado. Finalmente, cada vez se valoriza menos o silêncio dialógico do pensar, essencial para encontrarmos a autenticidade que somos e para pormos em marcha as mudanças que desejamos.





Em nome de todas estas frentes em que o silêncio se assume como fundamental, é preciso deixá-lo falar. Como afirma o professor Tolentino de Mendonça, “o silêncio / não é o oposto / mas o avesso” e isto significa: ele não é o oposto da palavra, do som ou da acção, mas o seu avesso.¹⁰ Tal como qualquer avesso é fundamental para o que aparece, o silêncio é necessário para que o mundo, aquele que existe e aquele que queremos, se revele. *Saibamos ouvir os ecos do silêncio.*

¹⁰ José Tolentino de Mendonça, *A noite abre meus olhos*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2014, p. 317.

